

## **Os compromissos dos museus com a sociedade**

MUSA, Museus, Arqueologia & outros Patrimónios; Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal n.º 1, 2005

Existem vários tipos de compromissos que os museus, grandes e pequenos, ricos e pobres assumem no seu dia a dia.

### **1. Museus compromissados consigo próprios.**

Chefias, sobrevivência institucional, manutenção das colecções ou simplesmente a abertura regular das portas.

1.1. Em termos de chefias, é particularmente importante que estas não saiam do quadro restrito dos bem relacionados, das redes de parentesco, das progenituras politico/partidárias ou das peças de xadrez que outras instancias movem à revelia de qualquer razoabilidade para o observador mesmo mais atento.

Este tipo de compromissos, onde o museu é sujeito e agente aplica-se geralmente aos museus públicos, tipo museu de arte.

1.2. Quanto à sobrevivência institucional tudo se passa como se todos os museus fossem indispensáveis. Ora eu julgo que existem museus que poderiam por uma questão de sanidade publica ser encerrados definitivamente, com um laudo de desculpa pelos malefícios culturais e outros que durante décadas contaminaram todos aqueles que algum dia por lá passaram. Museus que nasceram em dias felizes mas que o tempo e a ausência de qualquer esforço intelectual de renovação, se encarregaram de congelar, empoeirar, degradar, e até mesmo provocar alergias, acidentes e outras coisas nos visitantes.

Guerras de Alecrim e Manjerona entre ministérios, entre tutelas, quanto à sua dependência, quanto à distribuição das migalhas de orçamentos de sobrevivência, são os acontecimentos mais emocionantes nas suas rastejantes vidas.

1.3. No oposto deste orçamentos de sobrevivência outros museus pelo contrário deveriam fechar ainda antes de serem inaugurados. Porque correspondem a gestos que visam grandes operações imobiliárias, a distribuição de chorudos contratos às referidas progenituras politico/partidárias. São na verdade actos de sobrevivência de instituições que buscam poiso em qualquer país em qualquer lugar com o apadrinhamento de

responsáveis locais, comprometidos apenas com a sua reeleição, e com o acesso a verbas perfeitamente astronómicas. (tipo Guggenheim & Co.) Nestes casos trata-se de compromissos não dos museus mas tão somente da especulação cultural

## **2. Museus comprometidos com os seus donos.**

### **2.1. Museus de Poder, da Memória e do Esquecimento**

Neste ponto enquadrámos os museus que têm como compromisso o de servirem o poder ou os poderes que os criaram e os mantêm.

Estes museus são claramente um veículo do poder e nessa condição servem os interesses dos seus donos: públicos ou privados.

São Museus que transmitem condicionamentos culturais e políticos muitas vezes na perfeita harmonia com serviços pedagógicos bem montados, onde as teorias da aprendizagens formais e informais são sempre actualizadas.

Mas também são museus onde mais que a memória se guiam pelo esquecimento.

“Nunca se saberia visitando a maioria dos museus Americanos que o homem negro existe na América (John KINARD, director do Museu de ANACOSTIA.)”.

Como afirma Mário Chagas *“A tendência para a celebração da memória do poder é responsável pela constituição de acervos e coleções personalistas e etnocêntricas, tratadas como se fossem a expressão da totalidade das coisas e dos seres ou a reprodução museológica do universal, como se pudessem expressar o real em toda a sua complexidade ou abarcar as sociedades através de esquemas simplistas, dos quais o conflito é banido por pensamento mágico e procedimentos técnicos de purificação e excludência.*

*As relações estreitas entre a institucionalização da memória e as classes privilegiadas têm favorecido esta concepção museal. Não é fruto do acaso o fato de muitos museus estarem fisicamente localizados em edifícios que um dia tiveram uma serventia diretamente ligada a estâncias que se identificam e se nomeiam como sedes de poder ou residência de indivíduos “poderosos”. Exemplificando: Museu da República e Museu do Itamaraty - antigas sedes republicanas do poder executivo; Museu Imperial e Museu Nacional da Quinta da Boa Vista - antigas residências da família imperial; Paço Imperial - antiga sede do poder executivo; Museu Benjamin Constant - antiga residência do fundador da República; ( Memória e poder: dois movimentos, Mário Chagas, in **Cadernos de Sociomuseologia**, Museu e Políticas de Memória, Centro de Estudos de Sociomuseologia, ULHT nº19, 2002, Lisboa). Naturalmente que esta situação se pode generalizar sem perigo de grande erro.*

### **3. Museus compromissados com a indústria cultural.**

Aqui enquadrámos os museus que acolhem as grandes exposições culturais dos tesouros reais, das retrospectivas de grandes pintores, das colecções de raridades, de aniversários ou centenários disto e daquilo. Geralmente estas exposições ou mega exposições, foram apropriadas pela grande indústria cultural, e associam para além do poder político as grandes empresas em busca de álibis culturais para os salários mínimos ou não mínimos nos países onde (para as multinacionais) provisoriamente se instalaram e grandes novas empresas desbravando novos campos de actividade.

Nestes casos dos museus de “vernissage” das retrospectivas, e dos centenários, há que entender que a efemeridade do evento é certamente da maior relevância. Acções mobilizadoras de grandes recursos financeiros, elas traduzem a entrada da museologia na esfera da economia.

Não por se tratar de grandes investimentos, mas pelo fato de se assistir a transformação de simples “subsídios” em “capital”. Os subsídios estatais ou privados deixam de ter como destino o pagamento de consumos, mas sim o de destino de entrarem num circuito no qual se mantêm e se multiplicam mediante a incorporação de trabalho alheio gerando mais valias.

E é nesta lógica que podemos entender o carácter efémero destes eventos, na medida em que para serem bens de consumo, têm de ser consumidos num duplo sentido:

Consumidos no sentido de usados

Consumidos no sentido de esgotamento de tempo, de vida limitado.

Todos esses eventos, ao contrario das exposições permanentes, precisam de acabar para poderem dar lugar a outros eventos mais novos. Têm assim um tempo de vida útil durante o qual por necessidade própria ou alienada de cada visitante (do público em geral) são adquiridos. A transitoriedade, o sensacional, o espectacular, a raridade dos eventos, funcionam como precepitadores do processo de produção e de circulação na industria cultural.

Aqui a lógica dos bens produzidos sai da esfera da cultura, da cultura critica, para se compromissar com a própria lógica do “capital” através da actividade de um numero crescente de empresas criadas no exterior dos museus, para desespero de muitos!

### **4 Museus compromissados com o desenvolvimento e com a cidadania**

#### 4.1. Processos clandestinos

Também acontece que noutros museus os compromissos públicos manifestam-se na dedicação dos seus funcionários, onde para lá dos horários de trabalho sem fim e da miséria dos salários, se vive uma azafama extenuante para manter no limite da sobrevivência o museu aberto, as colecções protegidas do cupim, onde cada nova exposição é uma vitória sobre a ignorância na tentativa de passar uma mensagem, uma ideia, ou uma vivência.

Projectos que vingam à revelia das administrações

Discursos camuflados de resistência

#### 4.2. Processos assumidos

Enfim, um documento recente intitulado “Política Nacional de Museus” onde o Governo Brasileiro apresenta as grandes linhas de orientação para a reorganização dos museus no Brasil mostra que cada vez mais é essencial trabalhar a ideia da Função Social do Museu. Aqui os museus assumem-se como processos ao serviço de uma sociedade mais inclusiva .... e outras coisas mais.

*(...) o papel dos museus, no âmbito de políticas públicas de carácter mais amplo, é de fundamental importância para a valorização do património cultural como dispositivo estratégico de aprimoramento dos processos democráticos. A noção de património cultural, do ponto de vista museológico, implica a abertura para o trato com o tangível e o intangível, a dimensão cultural pressuposta na relação dos diferentes grupos sociais e étnicos com os diversos elementos da natureza, bem como no respeito às culturas indígenas e afro-descendentes.*

*Para cumprir esse papel, os museus devem ser processos e estar a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento. Comprometidos com a gestão democrática e participativa, eles devem ser também unidades de investigação e interpretação, de mapeamento, documentação e preservação cultural, de comunicação e exposição dos testemunhos do homem e da natureza, com os objetivos de propiciar a ampliação do campo das possibilidades de construção identitária e a percepção crítica acerca da realidade cultural brasileira.*

*Assim, no momento em que se renovam as perspectivas de construção de um novo Projeto de Nação mais inclusivo e com maiores estímulos à participação cidadã, torna-se premente a implantação de uma **Política Nacional de Museus**, que além de abrangente e integrada à política cultural, seja um estímulo ao desenvolvimento, à criatividade, à produção de saberes e fazeres e ao avanço técnico-científico do campo museológico. Essa política deve ter como premissa a democratização do acesso aos bens culturais produzidos, bem como a democratização dos dispositivos de estímulo e incentivo à dinâmica de produção de bens culturais representativos de*

*diferentes grupos sociais e étnicos, de diferentes regiões e localidades existentes no país. ( Política Nacional de Museus)*

Aquilo que a renovação do pensamento museológico tem buscado desde a Mesa Redonda de Santiago há mais de 30 anos, é hoje apresentada em termos de programa de Governo (leia-se Governo Lula da Silva / Gilberto Gil) no qual o Centro de Estudos da Sociomuseologia (no qual está enquadrado o Mestrado de Museologia)<sup>1</sup> da Universidade Lusófona teve o privilégio de participar activamente, ao mesmo tempo que os programas europeus tipo Plano Operacional da Cultura procuram neste renovar do lugar da cultura na sociedade contemporânea, as bases para um desenvolvimento escrito e feito (pelo menos em parte ) de outra forma. E para os mais cépticos, até o próprio Banco Mundial, se debate com a constatação que não há desenvolvimento sem participação e que é urgente repensar também o lugar da cultura na sobrevivência da sua própria acção.<sup>2</sup>

### **Conclusão**

Assim não é fácil falar dos Compromissos Públicos dos Museus pois esses compromissos estão dependentes de inúmeros fatores. O que importa em nosso entender é reconhecer que “a parte da cultura” que existe em cada museu toma novas formas e lugares e por isso, a acção museológica assume novas formas que já não podem ser analisadas com as grelhas de definições dos nossos antepassados.

---

<sup>1</sup> Para o texto completo ver [http://www.cultura.gov.br/documentos/Politica\\_Nacional\\_de\\_Museus.doc](http://www.cultura.gov.br/documentos/Politica_Nacional_de_Museus.doc)

<sup>2</sup> Notas para apresentação do tema Museologia e Desenvolvimento, Moutinho Mário. Conferencia “Understanding Culture in Sustainable Development: Investing in Cultural and Natural Endowments”. World Bank/UNESCO, Washington, 1998  
Culture and Sustainable Development, A Framework for Action Environmentally and Socially Sustainable Development The World Bank <http://www.worldbank.org/eapsocial/library/cultural.pdf>